Em seu livro *Contrapunto cubano del tabaco y del azúcar*, publicado em 1940, Ortiz [1881-1969], ao pensar a cultura cubana, acaba por cunhar esse conceito de transculturação, depois apropriado por muitos críticos literários, antropólogos e historiadores. O conceito carrega uma ideia, com a qual eu concordo, muito importante para se pensar a América Latina. Durante muito tempo se afirmou que a cultura europeia foi imposta a nós, aos povos que aqui viviam antes dos europeus chegarem e, depois, a aqueles que viviam nas colônias. A cultura europeia teria sido transposta e imposta aqui. O que sobrou teria sido apenas a aceitação. O resultado dessa aceitação seria a cópia. Ortiz disse que não se pode pensar – e ele está falando de Cuba – em uma simples imposição de fora para dentro, mesmo em uma sociedade estruturada em torno da escravidão. Na visão dele, aqui e lá se criou uma cultura muito particular e os europeus não ficaram imunes ao meio em que viviam, incluindo a cultura africana. É uma via de mão dupla. Há uma questão de poder e a Europa ganhou a língua, a religião, mas é preciso entender essas relações que se dão em todos os níveis, como ele diz, desde o econômico até o sexual. Aquilo que se estuda naquele ambiente societário é uma transculturação, sofre mutações e é repensado. Do meu ponto de vista é algo que segue fazendo sentido. (Maria Ligia Prado, 2017).